

Situação: O preprint foi submetido para publicação em um periódico

Participação, representação e deliberação no processo decisório do Conselho Municipal de Saúde de Marabá-PA (2018-2020)

Norberto Ferreira Rocha, Marcelo Rasga Moreira

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3232>

Submetido em: 2021-11-19

Postado em: 2021-11-19 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

saúde

EM DEBATE

ARTIGO ORIGINAL | ORIGINAL ARTICLE

Participação, representação e deliberação no processo decisório do Conselho Municipal de Saúde de Marabá-PA (2018-2020)

Participation, representation and deliberation in the decision-making process of the Municipal Health Council of Marabá-PA (2018-2020)

Norberto Ferreira Rocha

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) – Marabá (PA), Brasil.

norbertrocha@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0108-5961>

Marcelo Rasga Moreira

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp), Departamento de Ciências Sociais (DCS) – Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

rasga@ensp.fiocruz.br

<https://orcid.org/0000-0003-3356-7153>

Resumo O objetivo deste artigo é analisar o processo decisório do Conselho Municipal de saúde de Marabá (CMS-M), no período 2018 a 2020, tendo como foco os temas que foram discutidos nas reuniões ordinárias ocorridas neste período. Foi utilizado o estudo de caso como método de uma pesquisa de abordagem qualitativa que conjuga fontes primárias e secundárias. As fontes primárias foram obtidas através da observação participante nas reuniões realizadas no CMS-M e as fontes secundárias através da análise de documentos públicos, especialmente “pautas” e “atas” produzidas. Tal método está vinculado a um modelo de análise próprio, concebido no escopo deste artigo. Como resultados foram constatados: efetiva participação dos conselheiros no processo deliberativo; regras institucionais restritivas à participação da sociedade na apresentação de

demandas e denúncias; forte influência da gestão municipal no processo decisório do conselho; e baixa resposta do poder público municipal no cumprimento das deliberações produzidas no CMS/M.

Palavras-chave Conselho de saúde. Representação. participação. deliberação. processo decisório.

Abstract *The objective of this article is to analyze the decision-making process of the Municipal Health Council of Marabá (CMS-M), in the period 2018 to 2020, focusing on the themes that were discussed in the regular meetings that took place during this period. The case study was used as a research method with a qualitative approach that combines primary and secondary sources. The primary sources were obtained through participant observation in the meetings held at the CMS-M and the secondary sources through the analysis of public documents, especially “guidelines” and “minutes” produced. This method is linked to its analysis model, conceived within the scope of this article. As results were found: effective participation of councilors in the deliberative process; institutional rules restricting society's participation in filing claims and complaints; strong influence of municipal management in the decision-making process of the council; and low response from the municipal government in complying with the deliberations produced in the CMS/M.*

Keywords *Health advice. Representation. participation. deliberation. decision-making process.*

Introdução

A participação da sociedade em conselhos gestores de políticas públicas tem sido apontada por diferentes autores como uma das principais experiências institucionais desenvolvidas a partir da Constituição de 1988¹⁻⁴. O setor saúde foi o que mais avançou, construindo uma rede de conselhos (nacional, estadual e municipal), que conjugava, no último estudo censitário publicado, mais de 50.000 conselheiros de saúde, dos quais cerca de 35.000 representavam os usuários e trabalhadores do Sistema Único de Saúde (SUS)⁵.

Neste contexto, o estudo dos artigos que analisam o funcionamento dos conselhos, sua estrutura, a participação e representação dos segmentos que o compõem, sua capacidade deliberativa e outros temas essenciais representaria a melhor estratégia para se construir uma análise baseada em evidências acerca da situação dos conselhos de saúde no Brasil. Por consequência, tais estudos, ainda que indiretamente, poderiam

também revelar importantes problemas locais de saúde, permitindo um melhor conhecimento sobre a situação de saúde deste tão díspar conjunto de municípios que o Brasil possui⁶.

Contudo, uma pesquisa na base *scielo* mostra que, em 17 de maio de 2021, utilizando-se “conselho” e “saúde” como termos de pesquisa, somente 32 artigos dedicam-se a estudar a atuação de conselhos de saúde, dos quais apenas 2 referem-se a Conselhos da Região Norte. Ampliando-se a busca com o uso de “conselhos”, somente mais um artigo é incluído, chegando-se a um total de 3 artigos sobre conselhos de saúde da Região Norte.

O presente artigo aponta esta lacuna científica brasileira, pretendendo contribuir, singelamente e em seus limites, com seu preenchimento. Para tanto, aborda como tema a atuação do Conselho Municipal de Saúde de Marabá, no estado do Pará, Amazônia Oriental brasileira.

Marabá foi fundada em 27/02/1923, contando com 283.542 habitantes. Cidade “polo” da mesorregião Sudeste Paraense, é o quarto município mais populoso e 3º no ranking dos maiores PIBs do Estado do Pará. Em termos demográficos, apresenta grande miscigenação de pessoas e culturas, como já indica o significado de seu nome: “filho da mistura”. É conhecida como “Cidade Poema”, pois seu nome é inspirado na obra literária ‘Marabá’, de Gonçalves Dias⁷.

O município está inserido em uma das áreas mais modificadas pela política desenvolvimentista implantada na região amazônica oriental nos anos 1970⁸ e nas duas primeiras décadas do século XXI⁹. Tais políticas promoveram, por um lado, desenvolvimento econômico e social, e, por outro, a ocupação desigual do território, o acirramento de disputas de terras tradicionalmente ocupadas por povos tradicionais (indígenas, ribeirinhos e quilombolas) e intervenções danosas ao meio ambiente.

Isto transformou o modo de vida e os processos políticos, sociais e culturais da cidade, ao mesmo tempo que favoreceu o surgimento de movimentos de resistência, em especial o de direito ao acesso a serviços básicos, como saúde, educação, moradia e, com destaque, ao acesso a terra.

No setor saúde, conforme dados disponibilizados pelo DATASUS (<http://www2.datasus.gov.br>), em 2018 e 2019, houve 32.661 internações, devido, sobretudo à Gravidez, parto e puerpério (37,8% do total das internações); Lesões, envenenamento e algumas outras

consequências de causas externas (13,9%); Doenças do aparelho digestivo (11,5%); doenças do aparelho respiratório (7,03%); Doenças do aparelho circulatório 4,24%; e Doenças do aparelho geniturinário (3,53%).

No mesmo período houve 3.275 óbitos, com destaque para Causas externas de morbidade e mortalidade (25,0% das mortes); b) Doenças do aparelho circulatório (21,3%); Doenças do aparelho respiratório (8,6%); d) Neoplasias (5,6%); Doenças infecciosas e parasitárias (4,9%); e f) Doenças do aparelho digestivo (4,76%).

A pandemia da COVID-19 impactou o sistema de saúde municipal, conforme dados publicados pela Prefeitura de Marabá em 31/12/2020 aponta a infecção de 11.402 pessoas e 235 óbitos com taxa de letalidade de 2,06% sobre os casos confirmados¹⁰. A rede SUS, na referida data dispunha de 28 leitos de UTI/Covid, com taxa de ocupação de 85,7%, sendo 12 leitos com pacientes do município e 12 de outras cidades, o que demonstra a relevância regional de Marabá na disponibilidade dos serviços e equipamentos de saúde aos municípios circunvizinhos¹¹.

Diante deste cenário, adota-se como raciocínio hipotético que o Conselho Municipal de Saúde tenha, ao longo de 2018 e 2020, incluído em seu processo decisório, de alguma maneira, parte importante dos problemas acima apontados, deliberando sobre eles e, por conseguinte, sobre as políticas municipais de saúde.

Isto posto, o objetivo deste artigo é analisar o processo decisório do Conselho Municipal de saúde de Marabá (CMS-M), no período 2018 a 2020, tendo como foco os temas que foram discutidos nas reuniões ordinárias ocorridas neste período. Para aprofundar esta análise, buscar-se-á compreender a atuação dos diferentes segmentos representados no conselho nos referidos debates (participação), com ênfase nos representantes dos usuários do SUS e dos trabalhadores de saúde (representação) e na homologação das deliberações do Conselho pelo Poder Executivo (deliberação).

Aspectos metodológicos

Para atingir ao objetivo do artigo, optou-se pelo Estudo de Caso como método de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que conjuga fontes primárias e secundárias, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da ENSP/FIOCRUZ, sob o n. 27694720.0.0000.5240.

As fontes secundárias foram as ‘Pautas’ e ‘Atas’ das reuniões ordinárias do CMS-M realizadas entre agosto de 2018 e julho de 2020, que, até então, equivaliam a todas as reuniões realizadas pela atual formação do Conselho. Em 23 de março de 2020, por meio do decreto 26, a Prefeitura Municipal tomou medidas de distanciamento social por conta da COVID-19. Em observância, o Conselho interrompeu as reuniões presenciais de 23/03/2020 até 31/07/2020, realizando, neste período, uma única reunião virtual, em abril de 2020.

As atas e pautas, documentos públicos, foram solicitadas ao CMS-M em 11/03/2019; 18/02/2020 e 08/05/2020 e recebidas em 15/04/2019; 08/06/2020 e 27/10/2020.

Como as referidas reuniões são abertas ao público, o autor principal do artigo participou, como ouvinte, das reuniões que aconteceram entre agosto de 2019 a março de 2020, aplicando a técnica de observação participante. Importante destacar que, seguindo a ética em pesquisa, a presença do pesquisador no campo, foi informada ao Presidente do CMS-M e, por este, esclarecida o plenário do Conselho.

Participação, representação e deliberação: aperfeiçoando a democracia

A discussão sobre participação, representação e deliberação precisa ser contextualizada no âmbito do marco democrático. Importante destacar que não se pretende, aqui, esgotar o debate sobre democracia, adotando-se como estratégia o foco nos aspectos que constroem o arcabouço teórico do artigo.

O ponto de partida – não de chegada – desta discussão é o modelo poliárquico de Dahl¹², que apresenta dois eixos: participação e liberalização (ou institucionalização). Nele, uma sociedade é tão mais democrática quanto maior a quantidade e diversidade de cidadãos participando do processo político em instituições legitimadas pela sociedade.

Nesse sentido, o avanço democrático deve favorecer e garantir a contestação, o debate entre os que pensam diferente. Por isso, a participação deve ser estimulada e garantida com ênfase, sobretudo, naqueles que se opõem a quem está no poder. A garantia dos direitos de participação da oposição, em especial quando minoritária, é, assim, o principal indicador do grau de democratização de uma sociedade.

Esta concepção de democracia, formalista, é capaz de definir, para o objetivo deste artigo, as bases de seu debate. A principal crítica que lhe é feita é a de não abordar diretamente os direitos sociais como base da democracia. Considera-se aqui que tal crítica é pertinente e, por isto, busca-se articular a proposta poliárquica à valorização dos direitos sociais, com foco no direito à saúde.

Dahl¹² pensa a participação dos cidadãos na política a partir do referencial da democracia representativa, valorizando como instituições fundamentais, os três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) autônomos e funcionando em sistema de pesos e contrapesos; a liberdade e a autonomia de ação dos partidos políticos de todos os espectros ideológicos da sociedade, em especial os que são oposição a quem está no governo; e a realização periódica e permanente de eleições universais, livres de influências (coercitivas, patrimonialistas e/ou financeiras) e nas quais todas as vertentes políticas participem sem restrições e interdições externas. Dessa forma, a participação dos cidadãos ocorre, sobretudo, pelo voto, a delegação do eleitor (representado) de seu poder de decisão a um eleito (o representante).

Esta forma de democracia enfrenta uma crise a partir dos anos 1960, quando, de diferentes maneiras e em diferentes sociedades (em especial europeias e norte-americana), os representados passam a questionar intensamente a atuação dos representantes eleitos, considerando que ela se afasta dos interesses manifestos no voto, o que gera o risco da deslegitimação¹³.

A denominada ‘crise da democracia representativa’ parece ainda não ter sido superada, haja vista a abstenção de 66% dos eleitores nas eleições francesas de junho de 2021¹⁴, cujo motivo principal apontado por analistas é justamente a descrença na representação, situação que repetiu, em maior ou menor escala, o ocorrido nas eleições europeias de 2019¹⁵ e nas brasileiras¹⁶, em 2018.

Para Pitkin¹⁷, a representação, por ser uma contradição em si (representar é fazer presente quem não está), introduz no processo de tomada de decisões a necessidade de o representante decidir se sua atuação deve atender aos interesses dos que lhe elegeram (“*postura mandato*”) ou ao que considera ser o interesse geral (“*postura autonomia*”), instaurando a “*controvérsia mandato-autonomia*”.

Quando os representantes optam constantemente pela postura mandato, tendem a se afastar dos interesses de seus representados, que respondem com a descrença que, mantida ao longo do tempo, tende a se deslocar do representado para seu partido, deste para os demais partidos e daí para o próprio processo eleitoral.

Miguel¹⁸, de maneira similar, considera que, numa democracia representativa, a formação de uma elite política produz uma especialização dos tomadores de decisão que afasta representantes de representados, gerando a possível ruptura dos vínculos entre a vontade dos representados e a dos representantes. Em decorrência, há uma grande distância entre as promessas eleitorais e as políticas adotadas pelos eleitos.

Diante deste afastamento, as diferentes sociedades podem produzir diferentes propostas para a superação deste ameaçador afastamento entre representantes e representados. Dentre estas, emerge a práxis de uma democracia participativa, na qual os cidadãos não apenas atuam nos processos eleitorais, mas também no processo decisório das políticas públicas. Para seu avanço é necessário desenhar instituições que, sem dispensar as instituições da democracia representativa¹⁹, viabilizem a participação de representantes da sociedade civil diretamente no processo decisório das políticas públicas.

Para Ball²⁰, este processo decisório é formado por um conjunto de etapas que se articulam sinergicamente em ciclos, o “*ciclo de políticas*”. Partindo deste referencial, adota-se aqui, de maneira modelar (a prática de cada política é a que confere o desenho final), que tal ciclo inicia-se na etapa de formação de agenda, passa pelas etapas de formulação, implementação, execução, monitoramento e avaliação cujos resultados contribuem para a (re)formulação, e/ou para o aperfeiçoamento da implementação e da execução, e/ou repercutem nas agendas políticas, num ciclo que pode durar enquanto a política estiver em vigor.

Assim, as instituições da democracia participativa devem propiciar a participação dos cidadãos nas diferentes etapas do ciclo de políticas, considerando-se neste texto o destaque para as etapas de formação de agenda e de formulação.

Avritzer³ define estas instituições participativas como “*formas diferenciadas de incorporação de cidadãos e associações da sociedade civil na deliberação sobre políticas...*” que precisam, para serem criadas e legitimarem-se, de (i) inovação no desenho institucional; (ii) organização da sociedade civil; e (iii) vontade política do governo.

Para Lüchmann²¹, nestas instituições, a tomada de decisão política é auto-apresentada e parte daqueles submetidos diretamente ao debate público, aceitando o critério de legitimidade do processo de *political decision-making* como fundamentado pelo ente participante.

Para que estas instituições da democracia participativa possam realmente introduzir desenhos inovadores, seu processo decisório precisa, também, assumir características peculiares, conjugando busca por consenso e voto. Manin²² concebe a deliberação como a prática de tal processo decisório. Ao reconhecer que deliberação, na literatura democrática, é compreendida tanto como a decisão em si quanto como o processo de busca por consenso, ele defende que o processo deliberativo de uma instituição deliberativa deve submeter a decisão ao processo de discussão e busca por consenso.

Aprofunda, assim, a posição de Habermas que concebe “...o modelo deliberativo... mais interessado na função epistêmica do discurso e da negociação do que na escolha racional ou do ethos político”²³.

Fung²⁴ discutindo a práxis das instituições participativas, produz uma tipologia na qual considera que as instituições que têm maior capacidade deliberativa são aquelas que funcionam com um número menor de participantes, pois é neste contexto que a busca pelo consenso tende a ter maior sucesso.

O autor denomina este tipo de instituições participativas como “minipúblicos”, evidenciando em sua análise que (i) os custos de transação da produção de consensos elevam-se de acordo com o número de participantes, dificultando e, no extremo, inviabilizando a deliberação; e (ii) a participação não exclui a representação, ao contrário, obriga seu aperfeiçoamento sob o risco de reificar a crise de representatividade.

O desafio das instituições participativas é o de serem legitimadas pelas instituições representativas. Em determinadas situações, os representantes de tais instituições podem considerar que seu poder decisório está, por elas, sendo usurpado²⁵ e reagir, seja manietando as condições de funcionamento (estrutura, recursos e autonomia), seja desviando a agenda política para outras instituições ou mesmo não aceitando suas deliberações.

A despeito dos motivos de tais reações, o que as estrutura é a negativa à desconcentração de poder (decisório, de alocação de recursos, de formulação política...) das instituições tradicionais para as novas instituições. Quando esta reação ocorre no Poder Executivo, ela reifica uma

característica concentracionaista já definida como ultrapresidencialismo²⁶. O desafio, portanto, é produzir um equilíbrio entre as diferentes instituições que devem ambientar o processo decisório.

De forma sintética, este é o arcabouço teórico que embasa o modelo de análise que será aplicado. No tópico seguinte, buscar-se-á mostrar como tais reflexões podem ser aplicadas aos conselhos de saúde (e, por extensão, aos demais conselhos gestores de políticas públicas e mesmo a outras instituições participativas), concluindo o modelo, que será aplicado ao CMS de Marabá nos tópicos posteriores

Análise da participação, representação e deliberação nos Conselhos Municipais de Saúde

Vários autores têm estudado os conselhos de saúde. Do trabalho pioneiro de Carvalho²⁷ aos recentes²⁸, a maioria aborda, de forma mais ou menos ampla, a concepção, funcionamento e limites dos conselhos, seja de forma mais ensaística²⁹⁻³², ou por meio de estudos de caso³³⁻³⁵.

O estudo destes trabalhos (e de vários outros cujo espaço do artigo não permite citar) contribuiu para a elaboração do modelo teórico acima apresentado e para sua parte prática, começa aqui a ser discutida, por meio de uma reflexão que articula os trabalhos de Moreira e Escorel³⁶ e Rezende e Moreira³⁷.

Moreira e Escorel³⁶ desenvolveram seu modelo em 2007, para analisar o conjunto de conselhos de saúde brasileiros, uma vez que coordenaram o único estudo censitário do País sobre os conselhos municipais e estaduais de saúde, que foram analisados sobre três dimensões: (i) Autonomia (estrutura física, recursos humanos e recursos financeiros); (ii) Organização (reuniões, capacitação e instâncias internas); e (iii) Inclusividade (forma de escolha do Presidente e participação da sociedade nas reuniões).

As cidades de porte populacional similar a de Marabá (250.000 a 500.001 habitantes) obtiveram desempenhos positivos nas três dimensões de estudo, superando o desempenho das cidades de porte inferior, mas ficando abaixo daquelas que têm maior população, sobretudo as que têm entre 500.001 e 1.000.000 de habitantes. Ao todo, os autores trabalham com 18 indicadores – que serão apresentados no tópico sobre o CMS-M -

para os quais as cidades com porte similar a de Marabá tiveram, em média, desempenho positivo em treze, destacando-se negativamente recursos financeiros, humanos e capacitação.

Os mesmos autores também incluem em sua análise o ano de criação do conselho, a paridade, as entidades que compõem o segmento dos usuários e trabalhadores e a homologação ou não de suas deliberações pelo poder executivo. Nesta obra, portanto, há uma proposta de estudo sobre a participação.

Rezende e Moreira³⁷ partem deste modelo, mas buscam acrescentar dimensões que permitam uma análise mais específica, uma vez que realizam um estudo de caso no conselho do município do Rio de Janeiro, tendo como foco a representação e, nos aspectos que aqui interessam, sobre a deliberação.

Estes autores estudaram a atuação dos conselheiros(as) nas reuniões ordinárias, analisando-a a partir de uma tipologia de suas intervenções – *votante; informativa; vocalizadora; reivindicativa e avaliativa* – que aqui será adaptada para captar os embates entre os diferentes segmentos.

Passe-se, então, ao estudo da atuação do CMS-M.

O Conselho Municipal de Saúde de Marabá: atuação 2018-2020

O CMS-M foi criado em 05/07/1993 (Lei Municipal nº 13.104/1993), porém, seu Regimento Interno (RI) foi aprovado somente em 2014 (resolução nº. 015 de 17/07/2014). Em 2007, a Prefeitura Municipal destituiu o CMS-M, alegando que sua atuação atrapalhava a gestão. Esta situação perdurou até 2015, quando o Ministério Público do Estado do Pará restabeleceu o funcionamento do Conselho³³.

Com relação à infraestrutura e recursos humanos, apenas em 2018 o CMS-M passou a contar com sede própria, situada no núcleo Nova Marabá. Esta sede dispõe de sala para presidência, espaço para as comissões temáticas e auditório para realização das reuniões do colegiado, possuindo mobiliário, computadores, linhas telefônicas, acesso a internet. A Equipe de Apoio é formada por 9 servidores: 2 agentes de portaria, 2 responsáveis pela limpeza, 2 da área administrativa, 1 motorista e 1 secretário executivo.

O CMS-M é composto por 20 conselheiros titulares e 20 suplentes (que representam as mesmas entidades dos titulares) que, respeitando o princípio da paridade, têm um mandato de dois anos com direito a reconduções ilimitadas (Lei municipal nº 13.914, de 1996).

O Quadro 1 ilustra a atual composição do CMS-M, iniciada em 2018. Nele se constata que o segmento dos trabalhadores da saúde é composto por quatro entidades, pois, na Conferência Municipal de Saúde de 2018 não houve entidades interessadas na quinta vaga. Por sorteio, o Conselho Regional de Odontologia obteve o direito de se fazer representar por 2 conselheiros. Percebe-se, também, que os prestadores privados não ocupam nenhuma vaga.

Quadro 1 – Entidades que compõem o CMS de Marabá no Biênio: 2018-2020

Segmentos	Entidade
Usuários do SUS (10 vagas)	(U1) Associação Projeto Futuro Melhor/ substituído pelo Sindicato dos Servidores Municipais de Marabá – SERVIMAR (U2) Instituto da Juventude da Região Carajás - IJURC (U3) CAVIM- Casa de Apoio Vida Melhor (U4) Associação Paraense de Portador de Hemofilia e Coagulopatias (U5) Associação dos moradores do bairro Vale do Itacaiunas - AMBAVI (U6) Associação Recanto Feliz da Folha 31 (U7) Instituto Cultural Hozana Lopes de Abreu (U8) Instituto Reviver (U9) Instituto Viva Mulher (U10) Associação Comunitária de Moradores do Bairro Araguaia – ASCOMBA

Trabalhadores de Saúde (5 vagas)	(T1) Sindicato dos Enfermeiros do Estado do Pará/SENPA (T2) Sindicato dos Trabalhadores em Saúde no Estado do Pará-SINDSAUDE (T3) Sindicato dos Médicos do Pará-SINDMEPA (T4) Conselho Regional de Odontologia – CRO (2 VAGAS)
Gestores e Prestadores privados (5 vagas)	(G1) Secretaria Municipal de Saúde de Marabá – SMSM (4 VAGAS) (G2) 11º Centro Regional de Saúde/SESPA/Marabá-Pa

Fonte: elaboração dos autores, com base nos dados obtidos no Conselho Municipal de Saúde de Marabá.

Importante destacar que, no Quadro 1, as entidades foram identificadas por uma codificação composta por uma letra maiúscula e um número (por exemplo: (U1) Associação Projeto Futuro Melhor). Esta codificação será retomada na Tabela 3, viabilizando sua construção e apresentação.

O CMS-M conta com orçamento próprio (R\$ 164.000,00 em 2018; R\$ 550.000,00 em 2019 e R\$ 150.000,00 para 2020), Mesa Diretora, Secretaria Executiva e Comissões Permanentes: administrativa, técnica, de licitação e de avaliação da atenção básica.

A Lei de criação do CMS-M definia o Secretário Municipal de Saúde como presidente nato do Conselho, situação que foi modificada em agosto de 2000, pela Lei 16.489, que define a eleição com voto direto e secreto dos conselheiros titulares (na ausência destes, dos suplentes) como meio de escolha do Presidente. Atualmente, a presidência é ocupada por um conselheiro que representa os trabalhadores da saúde.

A Mesa Diretora eleita para o biênio 2018/2020, é majoritariamente representada pelos segmentos dos usuários e dos trabalhadores da saúde, que ocupam três das quatro vagas disponíveis, inclusive a presidência e vice-presidência.

O CMS-M realiza reuniões ordinárias mensais, abertas ao público, mas seu RI define que, para o público exercer o direito a voz, é necessária a prévia aprovação do Plenário. No período estudado, foram realizadas 25 reuniões ordinárias, colocados em pauta e discutidos, 126 pontos. A

Tabela 1 sistematiza estes pontos de pauta, categorizando-os em 3 grandes Temas (F-SUS: Funcionamento do SUS; F-CMS: Funcionamento do CMS-M; e D-POP: Denúncias da População) e 13 Subtemas.

TABELA 1 – Pontos de Pauta discutidos nas Reuniões Ordinárias do CMS-M, distribuídos por Temas, Subtemas, e Ano da Reunião. Agosto de 2018 a julho de 2020. (n=126)

TEMA	SUBTEMA	PONTOS DE PAUTA DISCUTIDOS							
		2018	%	2019	%	2020	%	TOTAL	%
F-SUS:		4	3,17	17	13,50	4	3,17	25	19,84
Funcionamento do SUS	Programa “Corujão”	-	-	2	1,59	-	-	2	1,59
	Laboratórios	1	0,79	2	1,59	-	-	3	2,38
	Unidades de Saúde	1	0,79	2	1,59	2	1,59	5	3,97
	Profissionais de Saúde	1	0,79	3	2,38	1	0,79	5	3,97
	Terceirização dos Serviços	1	0,79	8	6,35	1	0,79	10	7,93
F-CMS:		17	13,50	47	37,30	17	13,50	81	64,29
Funcionamento do CMS-M	Capacitação	8	6,35	5	3,97	2	1,59	15	11,91
	Gestão do CMS-M	7	5,56	23	18,26	13	10,32	43	34,13
	Substituição de representantes das Entidades	-	-	12	9,52	2	1,59	14	11,11
	Fiscalização	2	1,59	7	5,55	-	-	9	7,14

D-POP:		1	0,79	16	12,69	3	2,38	20	15,87
Denúncias da População	Procedimentos médicos	-	-	2	1,59	1	0,79	3	2,38
	Acesso aos serviços de saúde	1	0,79	4	3,16	2	1,59	7	5,55
	Unidades de Saúde	-	-	5	3,97	-	-	5	3,97
	Transparência Pública	-	-	5	3,97	-	-	5	3,97
TOTAL		22	17,46	80	63,49	24	19,05	126	100

Fonte: Elaboração dos Autores a partir da análise das Pautas das Reuniões Ordinárias do CMS-M.

Desses 126 pontos de pauta, 54 (42,8%) produziram, ao longo do processo de deliberação, debates entre os Conselheiros. A Tabela 2 apresenta a dinâmica desses debates no que se refere à entidade que propôs a pauta; à forma – convergente ou divergente – como as demais entidades do CMS-M posicionaram-se no debate das propostas; e ao resultado do processo deliberativo, isto é, se a pauta proposta foi ou não aprovada. Quando entidades não se manifestaram, atribuiu-se o sinal “-”.

TABELA 2 – Debates gerados pelos Pontos de Pauta nas Reuniões Ordinárias do CMS-M entre agosto de 2018 à julho de 2020: distribuição por entidades e seus segmentos, proponentes, posição divergentes e convergentes e se a pauta foi aprovada ou não. (n=54)

Entidades e seus segmentos	Posicionamento em relação às pautas			Resultado do processo deliberativo		
	Proponente	Convergente	Divergente	Pauta aprovada?		
				Sim	Não	Total
Usuários	13	47	31	8	5	13

Associação Projeto Futuro Melhor – Substituída pela SERVIMAR	1	9	3	1	-	1
Instituto da Juventude da Região Carajás – IJURC	-	4	1	-	-	-
CAVIM- Casa de Apoio Vida Melhor	-	-	-	-	-	-
Associação Paraense de Portador de Hemofilia e Coagulopatias	2	3	3	-	2	2
Associação dos moradores do bairro Vale do Itacaiunas – AMBAVI	-	4	8	-	-	-
Associação Recanto Feliz da Folha 31	1	1	1	1	-	1
Instituto Cultural Hozana Lopes de Abreu	3	5	3	2	1	3
Instituto Reviver	3	14	8	2	1	3
Instituto Viva Mulher	3	5	4	2	1	3
Associação Comunitaria de Moradores Do Bairro Araguaia – ASCOMBA	-	2	-	-	-	-
Trabalhadores	9	30	30	5	4	9
Sindicato dos Enfermeiros do Estado do Pará/SENPA	4	4	7	1	3	4
Sindicato dos Trabalhadores em Saúde no Estado do Pará-SINDSAUDE	2	14	11	2	-	2
Sindicato dos Médicos do Pará-SINDMEPA	2	5	4	2	-	2
Conselho Regional de Odontologia – CRO	1	7	8	-	1	1
Gestor	20	7	6	17	3	20
Secretaria Municipal de Saúde – SMS	20	4	5	17	3	20
11º Centro Regional de Saúde/SESPA/Marabá-Pa	-	3	1	-	-	-
Prestadores de serviços	-	-	-	-	-	-
(Não possui representantes nesta gestão)	-	-	-	-	-	-

Mesa diretora	12	-	-	7	5	12
TOTAL	54	84	67	37	17	54

Fonte: Elaboração dos autores

A Tabela 3 aprofunda este cenário. Seu propósito é mapear, nos embates travados durante o processo de deliberação e tomada de decisões sobre as 54 propostas apresentadas na Tabela 2, as convergências e divergências entre as entidades que compõem o CMS-M e, por conseguinte, os segmentos nele representados. Perceba-se que as propostas são classificadas pelos temas apresentados na Tabela 1 e que as Entidades são identificadas pelos códigos no Quadro 1.

Tabela 3 – Processo Decisório do CMS-M, julho/18 a agosto/2020: propostas debatidas distribuídas pelas entidades proponentes, posições convergentes e divergentes das entidades, tema a que se referem as propostas e aprovação ou não pelo pleno do CMS-M. (n=54)

PROPOSTAS	Prop*	Posição Convergente	Posição Divergente	APR V**	TEMA
1.Credenciamento de serviços especializados	G01	U09	U01; U05; T04	SIM	F-SUS
2.Reorganização de Protocolo de atendimento do hospital municipal	G01	U07	T02; T04	SIM	F-SUS
3.Autorização para Participação do Congresso de Enfermagem	G01	U05; U07; T03; T04; G02	U08	SIM	F-CMS
4.Implantação do corujão Odontológico na Unidade Básica de Saúde	G01			SIM	F-SUS
5.Criação de Comissão Paritária de Planejamento de Ações de 2019	G01	T01		SIM	F-CMS
6. Solicitação da copia do livro ata da frequência dos conselheiros	G01	U10	T02	SIM	F-CMS
7.Cancelamento unilateral por parte SMS-M do atendimento noturno nas unidades (Programa Corujão)	G01		04; U05; U06; U08; U09; T02; T03; T04	NÃO	F-SUS

8. Apresentação da Proposta de Regulamento e Regimento da Plenária Municipal de Saúde	G01			SIM	F-CMS
9.Retorno do funcionamento do laboratório do HMM e HMI	G01	U07		SIM	F-SUS
10.Apresentação da Tabela Complementar e Credenciamento de Cirurgias Eletivas	G01	U05; U08	T01; T3	SIM	F-SUS
11.Processo de credenciamento para contratação de pessoa jurídica: diagnósticos em laboratório clínico.	G01	U02; T04	U04; U05; U08; U09	NÃO	F-SUS
12.Aditivos contratuais de credenciamento de serviços técnicos especializados em anestesiologia.	G01	U02; U04; U07	U08; U09; T02; T04	SIM	F-SUS
13.Aditivos contratuais de credenciamento de serviços técnicos especializados: diagnósticos em laboratórios clínicos	G01	U02; U04; U07; U08; U09	T02; T04	SIM	F-SUS
14.Aditivos contratuais de credenciamento de serviços técnicos especializados em ortopedia e traumatologia	G01	U02; U04; U07; U08; U09; T02; T04		SIM	F-SUS
15.Autorização para implantação de 1 equipe de PSF na zona rural do município no P.S. Pastor Jonatas Azevedo	G01	U08; U09. T02; T04		SIM	F-SUS
16. Relatórios de Gestão – Prestação de Contas do ano de 2011 e 2012	G01	U03; U08; U09	T02	SIM	F-CMS
17.Tabela complementar aos valores da tabela SIGTAP/SUS	G01	G02	T01; T02; T04	SIM	F-SUS
18.Plano Operativo Municipal de Atenção Integral à saúde dos adolescentes em conflitos com a lei,	G01	G02	T01; T02	NÃO	F-SUS
19.Julgamento da prestação de contas – Relatórios de Gestão 2013 e 2014	G01		T02; T04	SIM	F-CMS
20.Petição para reavaliação da prestação de contas da Gestão da Saúde dos anos de 2015 e 2016 que fora rejeitada	G01	U08	T01; T02	SIM	F-CMS
21. Laudo pericial para adequação de concessão de insalubridade para trabalhadores da saúde	T01	703		NÃO	F-SUS
22.Informe sobre Retirada da Insalubridade dos vencimentos salariais sem Laudo Pericial	T01		U05; U08; T02; T03	NÃO	F-SUS
23. Criação de uma comissão para propor alteração do Regimento Interno e alteração da Lei do CMSM	T01			SIM	F-CMS

24 Denúncia sobre realização de plantões médicos em desacordo com a legislação	T01	T02; G02		SIM	D-POP
25.Recomposição do Comitê de ética do CMSM	T02	U09		SIM	F-CMS
26.Proposta de prorrogação de mandato dos conselheiros por 1 ano –motivação: pandemia Covid 19	T02	U09; T01		SIM	F-CMS
27.Solicitação de diárias para participar do Congresso Pan-Americano de medicina	T03			SIM	F-CMS
28.Contratação emergencial de médicos plantonistas para os hospitais municipais	T03	T02; T04; G01		SIM	F-SUS
29. Denúncia: pede Justificativas da Gestão pela contratação de odontólogo sem concurso público	T04	U08; U09; T02; T03	G01	NÃO	D-POP
30. Participação dos conselheiros na Conferencia Nacional de Saúde	U01	U08	U04	SIM	F-CMS
31.Denúncia de não funcionamento das unidades de saúde dos bairros: da Paz e Coca Cola	U04			NÃO	D-POP
32.Visita técnica de fiscalização à sede de empresas prestadoras de serviços na área de saúde ao Município	U04	T02; T03; T04	U02; U08; G01	NÃO	F-CMS
33.Participação dos conselheiros da Plenaria da 13ª Conferência Estadual de Saúde	U06	U05; U08; U09; T02; G01		SIM	F-CMS
34 Participação do 12º Congresso Brasileira de Saúde Coletiva ABRASCO	U07			SIM	F-CMS
35.Membros da comissão de licitação solicita participar de um Curso de Contratos e Convênios em Belém	U07			SIM	F-CMS
36.Situação do laboratório do HMM/Marabá – Não realização dos exames no próprio hospital-Terceirização	U07			NÃO	F-SUS
37.Denúncia.Falta de condições de funcionamento do Depto. de Saúde do Trabalhador – VISAT	U08	T02; T04		NÃO	D-POP
38.Pedido de afastamento provisório da Presidente do CMSM para análise de atos irregulares praticados	U08		U05; U07; T01; T03; G01; G02	SIM	F-CMS
39.Afastamento definitivo da presidente do CMS-M por ilegalidades praticadas	U08	U01	U05; U07	SIM	F-CMS
40.Denúncia-Conselheiro do Instituto Reviver foi candidato a cargo eletivo e não se afastou das funções de conselheiro de saúde	U09	U01; U10; T02	U07; G01	SIM	D-POP

41.Solicitação do veículo para viagem para participação da 13ª Conferência Estadual de Saúde	U09			SIM	F-CMS
42.Denúncia de Falta de medicamentos de hipertensão, diabéticos e outros na Unidade de Saúde Amadeu Vivacqua	U09			NÃO	D-POP
43. Convite para participação de uma reunião com a Mesa diretora e jurídico do CES/Pará	MD		U09; T02	SIM	F-CMS
44. Denúncia de uma usuária que relata que necessita de tratamento oncológico fora do domicílio	MD	T03		NÃO	D-POP
45.Criação de uma Comissão organizadora para realização plenária de Saúde	MD			SIM	F-CMS
46.Criação de uma comissão provisória para acompanhamento da auditoria na SMSM para apuração de denúncias.	MD	U05; U08; U09; T01; T02		SIM	F-CMS
47.Convite da secretaria de saúde de Curionópolis-PA para participação da Conferência Municipal de Saúde	MD		U01; U03; T01; T02	SIM	F-CMS
48. Participação de uma reunião no CES-PARÁ	MD	U01; U06; U08; T01		SIM	F-CMS
49.Solicitação para participação de curso de licitações	MD	G01	U08; U09; T01; T04	NÃO	F-CMS
50.Contratação de assessoria jurídica e contábil para assessorar o CMS-M	MD	U08; T02	G01	SIM	F-CMS
51.Denúncia: não realização de procedimento cirúrgico	MD			NÃO	D-POP
52.Denúncia: de procedimento médico em parto	MD			NÃO	D-POP
53. Confeção de banners informativo para divulgação dos trabalhos do CMS-M	MD	U08; T02		SIM	F-CMS
54.Indicação de representantes para participar do 10º CISTTÃO em Brasília-DF	MD			SIM	F-CMS

Fonte: elaboração dos autores.

Legenda: *Proponente **Aprovação pelo Pleno CMS-M.

Finalizando este tópico, a Tabela 4 mantém como foco os 54 itens de pauta que geraram debates nas reuniões mensais do CMS-M, voltando-se para a reação do Poder Executivo às deliberações do CMS-M, isto é, se as homologou ou não. Importante destacar que a Tabela 4, retoma a distribuição por temas e subtemas da Tabela 1, a fim de viabilizar a análise dos dados, realizada no próximo tópico.

TABELA 4 – Deliberações do CMS-M no período de agosto/2018 à julho/2020: distribuição por Temas, Subtemas, Ano e Reação do Poder Executivo. (n=54)

Temas	Subtemas	Deliberações				Reação poder executivo		
		2018	2019	2020	TOTAL	Homologada	Não-Homologada	Sem Informação
Funcionamento do SUS	TOTAL	3	12	2	17	8	4	5
	Programa “Corujão”	-	2	-	2	-	2	-
	Laboratórios	-	2	-	2	2	-	-
	Unidades de Saúde	1	1	2	4	2	1	1
	Profissionais de Saúde	1	2	-	3	1	-	2
	Terceirização dos Serviços	1	5	3	6	3	1	2
Funcionamento do CMS-M	TOTAL	9	15	4	28	8	4	16
	Capacitação	6	2	1	9	5	1	3
	Gestão do CMS-M	2	10	3	15	2	2	11
	Substituição de representantes das Entidades	-	-	-	-	-	-	-
	Fiscalização	1	3	-	4	1	1	2
Denúncias da População	TOTAL	1	8	-	9	-	1	8
	Procedimentos médicos	-	2	-	2	-	-	2
	Acesso aos serviços de saúde	1	1	-	2	-	-	2
	Unidades de Saúde	-	3	-	3	-	-	3
	Transparência Pública	-	2	-	2	-	1	1
TOTAL GERAL		13	35	6	54	16	9	29

Fonte: Elaboração dos Autores a partir dos documentos do CMS-M

Análise da atuação do CMS-M 2018-2020

A composição atual do CMS-M apresentada no Quadro 1 obedece a paridade entre os usuários e os demais segmentos. Os usuários por 10 entidades de diversas áreas de atuação: 5 de “gênero, etnia e faixa etária” (50%); “Associações de moradores” (30%); “Instituições de portadores de deficiência e patologias” (10%) e de “Educação, esporte e cultura” (10%) completam a representatividade, o que diverge em parte com os achados a nível nacional por Moreira e Escorel¹⁰ que mais de 60% das entidades dos usuários são caracterizadas por “Associação de Moradores” (25%); “Grupos Religiosos” (21%); e, “Entidades de Trabalhadores” (20%).

O segmento dos trabalhadores da saúde com 5 vagas preenchidas por sindicatos de classes profissionais dos enfermeiros, médicos e odontólogos e pelo Sindicato Estadual dos trabalhadores em saúde. A gestão e os prestadores privados são atribuídas cinco lugares, sendo 4 vagas pelos gestores municipais, e 1 Estadual.

Nota-se a inexistência de prestadores privados que preferem tratar de suas demandas diretamente com os gestores em detrimento a participação na arena política nos Conselhos⁴.

O CMS-M é estruturado com sede própria, equipe de apoio de 9 servidores para assessoramento e orçamento próprio de R\$ 864.000,00 no triênio 2018-2020. Conta com mesa diretora eleita com mandato de 2 anos, presidida atualmente por um representante dos trabalhadores.

Em funcionamento há 4 comissões permanentes: Administrativa, Técnica, Licitação e Avaliação da Atenção Básica; composta por conselheiros titulares e suplentes. Conta ainda com uma Secretaria Executiva que presta assessoramento administrativo e operacional ao Conselho.

O plenário do CMS-M reúne mensalmente em reuniões ordinárias ou extraordinárias por convocação do presidente ou por 1/3 dos conselheiros. Em março de 2020 foi decretado pelo prefeito a suspensão das reuniões presenciais diante da necessidade de isolamento social em decorrência da pandemia do Corona vírus.

Dos 126 pontos de pautas discutidos em 25 reuniões plenárias no período evidenciados na Tabela 1 predomina o tema “funcionamento do CMS-M” com o total de 81 proposições, sendo 17 em 2018, 47 em 2019 e 17 em 2020, demonstrando que o Conselho está voltado para si próprio, centrado em questões internas à sua administração.

O “funcionamento do SUS” tema intrínseco à função estratégica do Conselho foram discutidos 25 pontos de pautas (4 em 2018, 17 em 2019 e 4 em 2020) , voltadas principalmente para funcionamento e gestão de Unidades de Saúde (estruturas e corpo técnico). Observa forte tendência de privatização dos serviços de saúde onde o subtema “Terceirização dos Serviços” demandou 10 proposições.

O que menos aparece no debate do Conselho são os temas relacionados às demandas vinculadas a críticas e denúncias da população (20 pontos de pauta). As denúncias estão mais ligadas a falhas em procedimentos médicos; acesso aos serviços de saúde e falta de estrutura das unidades de saúde; o que sugere precariedade no sistema, principalmente na média e alta complexidade.

No processo deliberativo, dos 126 pontos de pauta demonstrados na tabela 1, 54 produziram debates entre os conselheiros descritos nas tabelas 2 e 3, evidenciando a reprodução das alianças entre os segmentos e como são travados os debates no CMS-M. A Tabela 3 esclarece que os 54 pontos de pauta foram apresentados pelos representantes dos segmentos: “Gestores” (G1) com 20 propostas; “Mesa Diretora” (MD)-12; “Usuários” (U7)-3, (U8)-3, (U9)-3, (U4)-2, (U1)-1, (U6)-1; “Trabalhadores” (T1)-4, (T2)-2, (T3)-2 e (T4)-1. Não apresentaram pontos de pauta: (G2), (U2), (U3), (U5) e (U10).

Das 20 propostas dos gestores (G1), 17 foram aprovadas e 3 rejeitadas. As propostas não aprovadas foram as 7, 11 e a 18. Dessas 20, 18 são relativos ao funcionamento do SUS, duas sobre o funcionamento do Conselho e nenhuma sobre as denúncias da população foram aprovadas. Das 20 propostas 6 foram sem divergências e todas aprovadas, e 14 com divergências, e dessas 14, 11 foram aprovadas e 3 não aprovadas. A proposta 7 não aprovada teve divergência dos usuários (U4,U5,U6,U8,U9) e dos trabalhadores (T2,T3,T4); a 11 somente divergentes pelos usuários (U4,U5,U8,U9) e a 18 dos trabalhadores (T1,T2).

A tabela 3 mostra que das 20 propostas houve 39 convergências contra 27 divergências. Das convergências 3 dos gestores, 28 dos usuários, somente U1 e U6 não tiveram convergências e 8 dos trabalhadores. Das 27 divergências 14 foram dos usuários e 13 dos trabalhadores.

Dos 12 pontos de pauta da Mesa Diretora (MD), 8 foram aprovados e 4 não (44,49,51,52). Dessas 12, 9 se referem ao tema “Funcionamento do CMS-M” e 3 “Denúncias da população”, nenhuma foi aprovada. Das 12 pautas, 8 foram sem divergências e 6 aprovadas; e 4 com divergências e dessas 3 foram aprovadas e 1 não aprovada. As propostas 44, 51 e 52 tratando de denúncias, mesmo sem divergências dos segmentos não foram aprovadas; a 49 teve divergências dos usuários (U8,U9), dos trabalhadores (T1,T4) e dos gestores (G1).

Das 12 houve 15 convergências e 11 divergências. Das convergências 8 foram do segmento dos usuários; 6 dos trabalhadores e 1 dos gestores. Dentre as 11 divergências 5 foram dos usuários, 5 dos trabalhadores e 1 da gestão.

Os 13 pontos dos usuários em 8 foram aprovados e 5 não aprovados. Destas 13, 1 do “Funcionamento do SUS”, 8 do “Funcionamento do CMS-M” e 4 de denúncias. Do total 7 foram sem divergências com 4 aprovações e 3 reprovações, 6 com divergências sendo 4 aprovados e 2 não. Os pontos não aprovados 31,36 e 42 não houve manifestações, o 32 foi convergente os trabalhadores (T2,T3,T4) e divergente usuários e gestores (U2,U8,G1); a 37 somente convergências (T2,T4).

Das 13 houve 15 convergências e 14 divergências. Das convergências 7 dos usuários; 7 dos trabalhadores e 1 dos gestores. Dentre as 14 divergências 8 dos usuários, 2 dos trabalhadores e 4 da gestão.

A tabela 3 mostra que os trabalhadores apresentaram 9 propostas sendo 6 aprovadas e 3 não. Das 9, 7 foram sem divergências com 6 aprovações e 1 não aprovada, 2 com divergências e reprovadas. Das 9 houve 13 convergências e 5 divergências. As convergências – usuários (4); trabalhadores (7); gestores (2). Das 14 divergências 2 dos usuários, 2 dos trabalhadores e 1 da gestão.

Nas propostas da gestão as discussões apontam para alinhamento com os usuários, e rejeição por parte dos trabalhadores principalmente nas propostas que cerceiam direitos trabalhistas e as de terceirização dos serviços (1,2,10,12,13,17). Pautas dos Usuários apoiadas pelos trabalhadores, e resistências do próprio segmento com 8 divergências; já os trabalhadores firmaram alianças com os usuários.

Os resultados sinalizam que a gestão e a “MD” exercem forte influência no processo deliberativo do CMS-M, apresentando 60% das pautas aprovando 81% de suas propostas. Os usuários com 24% das propostas e 61% de aprovação, e os trabalhadores apresentaram 16% dos pontos e êxito em 66% nas deliberações.

Apesar dos prestadores privados não participar do processo deliberativo, a gestão apresentou 10 propostas de terceirização de serviços de saúde, mesmo com contestação dos trabalhadores 6 foram aprovadas e 3 homologadas, o que comprova a força política dos gestores privados nas negociações com o poder público.

A tabela 4 comprova baixa efetividade no atendimento das demandas por parte da gestão homologando somente 16 propostas das 54 discutidas. Das 16 homologadas, 8 foram do tema “Funcionamento do SUS”. Verifica-se a ausência de agenda deliberativa para tratar dos principais agravos de saúde enfrentados pela população, e causas mortis ocorridos nos anos de 2018-2019 apontados pelo DATASUS (<http://www2.datasus.gov.br>) e do enfrentamento da pandemia do Covid 19, prescindindo assim da participação do CMS-M na busca de soluções e no planejamento das ações.

No tema “Funcionamento do CMS-M” foram homologadas 8 deliberações e nenhuma das “Denúncias da População” o que evidencia a dificuldade de acesso da sociedade nos debates e na solução de suas demandas, tanto pela gestão municipal da saúde como no ambiente interno do CMS-M que regimentalmente é restritivo ao prever que usuário para ser ouvido em suas demandas é necessária a prévia aprovação do plenário para conceder/ou não “o direito de fala”.

Considerações finais

Os resultados encontrados apontam baixa presença espontânea de cidadãos/usuários nas reuniões do CMS-M, restringindo assim o seu potencial inclusivo na formulação de proposições que vocalize as expressões da sociedade no atendimento de suas demandas e a consequente construção de pautas significativas das políticas públicas de saúde.

Análises do processo decisório do CMS-M indicam ampla inserção de temas internos vinculados ao funcionamento do Conselho o que evidencia tendência de atuação a partir de uma agenda endógena. Esse elemento fortalece a ideia de limites de atuação do Conselho, frente a agenda da sociedade.

Soma-se a isso, os entraves ao processo deliberativo e discursos assimétricos, com forte influência da gestão municipal no processo decisório e baixa resposta no cumprimento das deliberações produzidas, o que pode incorrer em riscos de legitimação do Conselho como espaço democrático de gestão da saúde pública.

A atuação dos representantes dos usuários no processo participativo, representativo e deliberativo mostrou-se convergente com as pautas de defesa do SUS, monitoramento dos principais agravos de saúde no município e nos investimentos na rede assistencial de saúde, e divergentes nas propostas que limitavam o alcance das políticas públicas de saúde demandadas pela sociedade. Já os trabalhadores foram convergentes em diversas pautas apresentadas pelos usuários e naqueles referentes as garantias de direitos trabalhistas e divergentes em proposições de privatização dos serviços de saúde e retiradas de benefícios conquistados pela classe.

As limitações enfrentadas referem-se ao período da pandemia da Covid-19, provocando o cancelamento das reuniões do CMS-M por um período significativo em 2020, quer sejam presenciais e virtuais, dificultando aos pesquisadores a adoção outras técnicas de pesquisa para aprimoramento do método.

Referências

1. Gohn MG. Conselhos Gestores e Participação Sociopolítica. Coleção Questões da Nossa Época, v 84. 2ª ed. São Paulo: Cortez; 2003.
2. Tatagiba L. Conselhos gestores de políticas públicas e democracia participativa: aprofundando o debate. Revista de Sociologia e Política, n. 25; 2005. p. 209-213.
3. Avritzer L. Instituições participativas e desenho institucional: algumas considerações sobre a variação da participação no Brasil democrático. Opinião Pública, v. 14, n. 1; 2008. p. 43–64.
4. Labra ME. Conselhos de saúde: Visões “macro” e “micro”. Civitas – Revista de Ciências Sociais, v. 6, n. 1; 2006.

5. Moreira MR, Escorel S. Conselhos Municipais de Saúde do Brasil: um debate sobre a democratização da política de saúde nos vinte anos do SUS. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro; v. 14, n. 3; 2009. p. 795-806.
6. Silva BT, Lima IMSO. Conselhos e conferências de saúde no Brasil: uma revisão integrativa. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2021, vol.26, n.1 [acesso em 2021 jul 26]; pp.319-328. Disponível em: <http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232021000100319&lng=pt&nrm=iso>. Epub 25-Jan-2021. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.08872019>.
7. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Sobre a cidade de Marabá. Marabá: CPEE; 2018, [acesso em 2021 jul 26]; Disponível em: <https://cpee.unifesspa.edu.br/maraba.html>.
8. Velho OG. *Frentes de Expansão e Estrutura Agrária: estudo do processo de penetração numa área da Transamazônica*. Rio de Janeiro: Editora Zahar; 1972.
9. Biancarelli AM. A Era Lula e sua questão econômica principal: crescimento, mercado interno e distribuição de renda. *Rev. Inst. Estud. Bras.* [online]. 2014, n.58 [acesso em 2021 jul 26]; pp.263-288. Disponível em: <http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742014000100012&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 2316-901X. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i58p263-288>.
10. Marabá, Prefeitura Municipal de. Boletim COVID-19. 2020 [acesso em 2021 jul 26]. Disponível em: <https://maraba.pa.gov.br/boletim-covid-19-de-31-12-2020/>.
11. Queiroz D, Almeida C, Campos AC. Perfil epidemiológico dos óbitos por COVID-19 no município de Marabá-Pará. *Revista de Saúde Pública do Paraná* [Internet]. 9abr.2021 [acesso em 29 jul 2021]; 3(2):107-20. Disponível em: <http://revista.escoladesaude.pr.gov.br/index.php/rspp/article/view/403>.
12. Dahl RA. *Poliarquia: participação e oposição*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 1997.
13. Manin B, Przeworski A, Stokes SC. Eleições e representação. *Lua Nova* [online]. 2006, n.67 [acesso em 2021 jul 27], pp.105-138. Disponível em: <http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452006000200005&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1807-0175. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452006000200005>.
14. *Revista Exame*. Revés para Macron e Le Pen em eleição com abstenção recorde na França. 2021 [acesso em 2021 jul 26]. Disponível em: <https://exame.com/mundo/reves-para-macron-e-le-pen-em-eleicao-com-abstencao-recorde-na-franca/>.

15. RFI – Rádio França Internacional. Abstenção pode bater recorde nas eleições europeias.2021 [acesso em 2021 jul 26]. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/europa/20190524-abstencao-pode-bater-recorde-nas-eleicoes-europeias>.
16. Câmara dos Deputados-Brasil. Segundo turno de eleições municipais tem recorde de abstenções. 2021 [acesso em 2021 jul 26].Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/711521-segundo-turno-de-eleicoes-unicipais-tem-recorde-de-abstencoes/>.
17. Pitkin HF. The concept of representation. 1. paperback ed., [Nachdr.] ed. Berkeley, Calif.: Univ. of California Press; 1972.
18. Miguel LF. Democracia e representação: territórios em disputa. São Paulo, SP: Editora Unesp; 2013.
19. Santos BS, Avritzer L. Para ampliar o cânone democrático. In: Santos, Boaventura de Souza (Org.). Democratizar a Democracia: os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2002.
20. Ball SJ. What is policy? Texts, trajectories and toolboxes. Discourse, London, v. 13, n. 2, p. 10-17; 1993.
21. Lüchmann LHH. Participação e representação nos conselhos gestores e no orçamento participativo. Caderno CRH, UFBA, v. 21, n. 52, p. 87-97, abr. 2008.
22. Manin B. On Legitimacy and Political Deliberation. Political Theory, Beverly Hills, v. 15, n 3, p. 388-368; 1987.
23. Habermas J. Direito e democracia: entre facticidade e validade. V. I. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro; 2003.
24. Fung A. Receitas Para Esferas Públicas: oito desenhos institucionais e suas consequências. In. Coelho VCP e Nobre M. Participação e Deliberação. Teoria Democrática e Experiências Institucionais no Brasil Contemporâneo. São Paulo: editora 34; 2004. p. 173-209.
25. Przeworski A. Ama a Incerteza e Serás Democrático. São Paulo: Novos Estudos CEBRAP 9. p. 36-46; 1984.
26. Abrucio FL. O ultrapresidencialismo Estadual. In. Andrade RC, organizadores. Processo de Governo no Município e no Estado. São Paulo: EDUSP; 1998.
27. Carvalho AI. Conselhos de Saúde no Brasil. Participação Cidadã e Controle Social. Rio de Janeiro: IBAM/FASE; 1995.

28. SOUZA, Cezarina Maria Nobre e HELLER, Léo. O controle social em saneamento e em saúde: análise comparativa com base nos marcos legais federais brasileiros. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2019, vol.24, n.1 [citado 2021-08-16], pp.285-294. Disponível em: <http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232019000100285&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018241.35012016>.
- 29 - Correia MVC. Que controle social? Os Conselhos de Saúde como Instrumento. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; 2000.
30. Cortes SMV. Construindo a possibilidade da participação dos usuários: conselhos e conferências no Sistema Único de Saúde. *Sociologias*, Jun 2002, no.7, p.18-49.
31. Fuks M. Democracia e Participação no Conselho Municipal de Saúde de Curitiba (1999-2001). in: Fuks M, Perissinoto RM, Souza NR, organizadores. *Democracia e Participação: os conselhos gestores no Paraná*. Curitiba: Editora UFPR; 2004. p - 13-44.
32. Guizardi FL e Pinheiro R. Dilemas culturais, sociais e políticos da participação dos movimentos sociais nos Conselhos de Saúde. Rio de Janeiro: *Ciênc. saúde coletiva*. 2006. 11(3). p.797-805.
33. Cristo SCA, Figueiredo ERL. Controle social: uma análise do Conselho Municipal e Saúde de Marabá no sudeste do Pará. In: *II Seminário de Iniciação Científica da Unifesspa*, 2016, Marabá. *Anais do Seminário de Iniciação Científica*. Marabá: Unifesspa, 2016. v. 1.
34. Cárdenas A M C, Silva SR, Mello MVFA. Conselho Estadual de Saúde do Amapá: Controle social como forma de empoderamento da sociedade. *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, v. 4, p. 59-67, 2011.
35. Medeiros AM, Noronha NM. Conselho Municipal de Saúde de Parintins/AM: quando o Controle Social incomoda a Administração Pública. In: Ana Beatriz S. Cyrino; Dorinethe S. Bentes; Michel Justamand. (Org.). *Fazendo Antropologia no Alto Solimões*, vol. 14. 1ed.São Paulo: Alexa Cultural, 2018, v. 14, p. 15-30.
36. Moreira MR e Escorel S. Municipal Health Councils of Brazil: a debate on democratization of health in the twenty years of the SUS. In. *Ciência e Saúde Coletiva*. 14(3). 2009. p. 373-381.
37. REZENDE, Raphael Batista de e MOREIRA, Marcelo Rasga. Relações entre representação e participação no Conselho Municipal de Saúde do Rio de Janeiro: segmento dos usuários, 2013-2014. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2016, vol.21, n.5 [citado 2021-08-16], pp.1409-1420.

Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000501409&lng=pt&nrm=iso. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015215.00352016>.

Contribuição dos autores

Norberto Ferreira Rocha: escrita, revisão e análise.

Marcelo Rasga Moreira: escrita, revisão e análise.

Recebido em 28/07/2021

Aprovado em 04/10/2021

Conflito de interesses: inexistente

Suporte financeiro: não houve

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores concordam que caso o manuscrito venha a ser aceito e postado no servidor SciELO Preprints, a retirada do mesmo se dará mediante retratação.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.